

PERCEPÇÕES DA EQUIPE DE ENFERMAGEM EM RELAÇÃO AO PAI COMO CUIDADOR NA UNIDADE DE PEDIATRIA

Giovana Calcagno GOMES^a
Wilson Danilo LUNARDI FILHO^b
Alacoque Lorenzini ERDMANN^c

RESUMO

A participação do pai no cuidado da criança vem aumentando. Objetivou-se identificar as percepções da equipe de enfermagem acerca da presença do pai como cuidador em unidades pediátricas. Foi realizado um estudo qualitativo descritivo, exploratório, no primeiro semestre de 2005 em uma unidade de pediatria de um hospital universitário do sul do país. Os sujeitos foram quatro enfermeiras e 15 auxiliares de enfermagem. Realizou-se entrevistas semi-estruturadas e os dados foram analisados pela análise temática. Verificou-se que, para a equipe, a criança precisa tanto da mãe como do pai no hospital, mas a área física é um forte impedimento para a presença de ambos. Segundo os profissionais, a mãe cuida melhor que o pai, e este só é aceito como cuidador no hospital em situações especiais. Concluiu-se que a enfermagem precisa refletir sobre como ajudar os pais a vivenciarem e praticarem a paternidade participante na Pediatria.

Descritores: Pai. Enfermagem pediátrica. Criança hospitalizada. Cuidadores.

RESUMEN

La participación del padre en el cuidado del niño viene creciendo. Se tuvo como objetivo identificar las percepciones del equipo de enfermería acerca de la presencia del padre como cuidador en unidades pediátricas. Se realizó un estudio cualitativo descriptivo, exploratorio, en el primer semestre de 2005 en una unidad pediátrica de un hospital universitario en el sur del país. Los sujetos fueron cuatro enfermeras y quince asistentes de enfermería. Se hicieron entrevistas semiestructuradas y los datos fueron analizados por el análisis temático. De acuerdo a lo que constató el equipo, el niño necesita tanto de la madre como del padre en el hospital, pero el área física es un fuerte impedimento para la presencia de ambos. Según los profesionales, la madre cuida mejor que el padre y este sólo es aceptado como cuidador en el hospital en situaciones especiales. Se llegó a la conclusión que la enfermería necesita reflexionar sobre cómo ayudar a los padres a experimentar y practicar la paternidad participativa en la unidad Pediatria.

Descriptorios: Padre. Enfermería pediátrica. Niño hospitalizado. Cuidadores.

Título: Percepciones del equipo de enfermería en relación al padre como cuidador en la unidad de pediatria.

ABSTRACT

Fathers have increasingly participated in child care. The objective of this study was to identify the perceptions of the nursing staff as the presence of the father as a caregiver in pediatric units. A qualitative, descriptive, and exploratory study was conducted during the first semester of 2005 in a pediatric unit of a university hospital in Brazil. Four nurses and fifteen orderlies were interviewed using semi-structured interviews, and data were submitted to thematic analysis. The results showed that the team believed that children need both the mother and the father, but the lack of space does not allow the presence of both. The nursing team also believes that mothers take better care of the children than fathers. Fathers are only accepted as caregivers in the hospital under special situations. It was concluded that the nursing team needs to think in how to help fathers to experience and to practice participatory fatherhood in pediatric wards.

Descriptors: Fathers. Pediatric nursing. Child, hospitalized. Caregivers.

Title: Perceptions of nursing team as to the father as a caretaker in pediatric wards.

^a Doutora em Enfermagem. Professora do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Enfermagem e Saúde da Criança e do Adolescente (GEPESCA). Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Saúde (NEPES) da FURG, Rio Grande do Sul, Brasil.

^b Doutor em Enfermagem. Professor do Departamento de Enfermagem da FURG. Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Organização do Trabalho da Enfermagem e Saúde (GEPOTES), Rio Grande do Sul, Brasil.

^c Doutora em Enfermagem. Professora do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Administração da Enfermagem e da Saúde (GEPADES), Rio Grande do Sul, Brasil.

INTRODUÇÃO

A internação hospitalar da criança apresenta-se como um momento de crise e de desestruturação na família. Geralmente, a família busca a enfermagem como um agente capaz de auxiliá-la a vivenciar este momento de forma menos traumática. Durante a internação de um de seus membros, as famílias se fazem presentes, questionando, contribuindo e tornando-se agentes do processo. Apresentam a realidade na qual são inseridas, seus costumes, anseios e conhecimentos a respeito da doença e da saúde, subsidiando, desta forma, a elaboração de um plano assistencial, que venha ao encontro das reais necessidades tanto suas e dos seus membros como do enfermeiro e sua equipe.

Frente à internação da criança, a família se organiza para cuidá-la. Em algumas vezes, os pais têm-se feito presentes como cuidadores de seus filhos. Em nossa realidade local, temos muitos pais desempregados, sendo a mãe a única provedora do lar. O fato do pai não ser autorizado a permanecer no hospital como cuidador de seu filho, muitas vezes, faz com que as mães, por terem que se ausentar do trabalho para permanecerem e cuidar da criança hospitalizada, corram o risco de perder ou terminem perdendo seus empregos.

A participação do pai no cuidado e na educação da criança, nos dias atuais, está recebendo maior atenção. O pai, mais do que um apoio para a mãe, contribui significativamente para o desenvolvimento da própria criança⁽¹⁾. No entanto, na prática de muitos profissionais da saúde e na prática dos profissionais da enfermagem, as orientações estão voltadas quase que exclusivamente para o binômio mãe-filho, esquecendo-se da participação do pai como membro constituinte da família, dissociando-o da unidade familiar⁽²⁾.

Em relação à divisão de papéis do casal, até algum tempo atrás, os cuidados com a saúde dos filhos e demais membros da família eram quase que exclusividade da mãe. No entanto, hoje, com frequência, o pai tem aparecido em conjunto com ela no desenvolvimento do cuidado, sendo que, muitas vezes, ele tem sido referido em primeiro lugar⁽³⁾. Desse modo, surge o conceito do “novo pai”, um pai que considera a paternidade como uma oportunidade para expressar sentimentos, participando ativamente no cuidado dos filhos e tendo uma relação igualitária e fluida com a sua parceira, o que se expressa na divisão de tarefas⁽⁴⁾.

Assim, constatamos que, por muito tempo, o pai esteve afastado do processo do cuidado, mas, aos poucos, com as mudanças históricas que a família vem sofrendo na sua estrutura, ele vem participando cada vez mais do cuidado dos filhos, permitindo que se perceba que a criança igualmente precisa tanto dele quanto da mãe.

Em se falando de pai, parece-nos que a sua visita ao filho hospitalizado não é um fator complicador para a organização dos serviços de saúde. No entanto, quando ele passa a ser o acompanhante, isto se mostra como um problema e causador de conflitos. Prova disso é que, quando um pai tenta ser o acompanhante do seu filho no hospital, ele é praticamente ignorado em seu desejo na maioria das vezes ou, até mesmo, impedido de exercer este direito.

Apesar do Estatuto da Criança e do Adolescente determinar que o pai, também, pode ser acompanhante da criança durante a sua internação hospitalar⁽⁵⁾, pouco tem sido feito para facilitar-lhe a presença nestes locais, principalmente, em unidades compostas por enfermarias coletivas, onde é preciso dividir o mesmo espaço com mães ou acompanhantes do sexo feminino de outras crianças. Nestas situações, sua presença, geralmente, origina muitos constrangimentos tanto para si como para as outras mães/famílias e, inclusive, para a equipe de enfermagem.

Considera-se que, para cuidar da criança durante a internação hospitalar, o pai precisa ser ajudado a reconhecer as alterações emocionais que acontecem com o seu filho. Ele precisa acomodar-se aos deslocamentos em sua vida social e doméstica, criados pelo período de hospitalização⁽⁶⁾.

As necessidades dos pais relativas à informação sobre os seus filhos e aos cuidados práticos, geralmente, são maiores do que as das mães, já que alguns deles, para não dizer a grande maioria, não têm experiência prévia como, também, não têm um modelo estabelecido para o exercício deste tipo de paternidade, ou seja, a paternidade participante. Portanto, a enfermagem pode representar uma importante fonte de auxílio para prepará-los para exercer o papel de pai cuidador no hospital.

As enfermeiras conhecem os direitos do pai, mas parece que resistem em reconhecê-lo como cuidador. Este reconhecimento nos coloca frente a frente com nossos preconceitos e com a necessidade de operacionalizarmos mudanças na nossa forma de atuar. É necessário que se criem mecanis-

mos para viabilizar a presença dos pais na unidade. Portanto, é necessário que rompamos algumas barreiras, sejam de ordem física ou ideológica⁽⁷⁾.

Nesta perspectiva, este estudo teve como objetivo identificar as percepções da equipe de enfermagem de uma Unidade de Pediatria de um hospital universitário do sul do país acerca da presença do pai como cuidador de seu filho durante a sua internação hospitalar.

MÉTODO

Este é um estudo exploratório-descritivo de cunho qualitativo. Foi realizado em uma Unidade de Pediatria de um hospital universitário de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul no segundo semestre de 2005. Trabalham no setor uma enfermeira e quatro auxiliares de enfermagem de cada turno (manhã, tarde, noite 1 e noite 2), cujas idades variaram entre 24 e 48 anos por um tempo que varia entre quatro e 20 anos. Os participantes foram quatro enfermeiras e 15 auxiliares de enfermagem lotados nesta unidade, pois em uma das noites foram sujeitos apenas três auxiliares. Os participantes, depois de orientados acerca dos objetivos e metodologia do estudo, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A coleta de dados deu-se por meio de entrevistas semi-estruturadas gravadas, realizadas na própria unidade durante o turno de trabalho destes profissionais, sendo posteriormente transcritas. O material oriundo das transcrições das entrevistas foi analisado pela técnica de Análise Temática. Nessa técnica, o foco é a fala dos indivíduos, uma vez que se considera a existência de uma correspondência entre o tipo de discurso e as características do meio ou realidade onde este indivíduo se insere⁽⁸⁾.

Em relação aos aspectos éticos, foi seguida a Resolução 196/96, que dispõe acerca da pesquisa com seres humanos⁽⁹⁾. Foi solicitada a autorização da Chefia de Enfermagem para realizar o estudo no hospital universitário e o projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética, recebendo parecer favorável número 068/04. Para garantir o anonimato, os participantes estão identificados no presente texto por pseudônimos.

RESULTADOS

A partir da análise temática das falas dos sujeitos surgiram categorias relativas à importância

da presença do pai junto à criança no hospital, à área física e ao sexo como impedimento para a presença do pai, e à necessidade da educação do pai para o cuidado à criança.

Percepções quanto à importância da presença do pai junto à criança no hospital

A hospitalização de uma criança pode ser considerada como uma fatalidade na vida de uma família. Por isso, a presença de um dos pais junto a ela torna-se fundamental⁽¹⁰⁾. Corroborando essa assertiva, como produto da análise dos dados obtidos com as entrevistas, emergiu a percepção dos membros da equipe de enfermagem da Unidade de Pediatria que a criança precisa tanto da mãe como do pai durante a sua internação hospitalar.

Acho a presença do pai muito importante. Acho que deveria ficar tanto o pai como a mãe. Não tenho impedimentos. Eu acho que teria que começar a dar mais responsabilidade para o pai, quando a criança está doente. A mãe entende, mas o pai também tem que fazer parte. É muito importante. A criança, quando o pai vai embora, fica num desespero, num grito. Então, eu acho importante também o pai ficar acompanhando (Cláudia).

Apesar dessa percepção, ainda são mantidas restrições acerca da integral participação paterna no cuidado da criança hospitalizada. Quando um pai tenta ser o acompanhante de seu filho, ele é praticamente ignorado⁽¹¹⁾. Talvez, isto ocorra porque existe um consenso de que a mãe cuida melhor e é mais presente durante a internação dos filhos⁽¹²⁾.

Eu acho que o pai poderia acompanhar. Nós, aqui, convivemos só com a mãe, mas acho que o apoio do pai... A criança precisa do pai. Acho que, durante o dia, poderia o pai ficar, assim, umas duas horas. Nas horas de maior movimento na unidade, seria importante para a criança. Ela se recuperaria mais rápido (Simone).

O estudo evidencia a existência de preconceitos em relação ao papel que o pai pode exercer no cuidado do filho hospitalizado, quando condiciona o exercício dessa prerrogativa legal do acompanhamento da criança pelo pai, apenas parcialmente, em determinados períodos e turnos.

A presença do pai deveria ser até permitida. Quando uma criança não tem mãe, o pai que cria ou a criança é mais apegada ao pai e não tem outro jeito (Júlia).

Acho que a presença do pai depende, né? Se não puder a mãe ficar, o pai seria o recurso. É melhor do que a criança ficar sozinha. Acho que não tem nenhum impedimento do pai ficar [...]. Mas eu acho, assim, Oh! No caso da criança ficar sozinha ou ficar com o pai: que fique com o pai (Renata).

Portanto, muitos ainda acreditam que o pai deveria ser autorizado a ficar junto com a criança somente em situações especiais.

Percepções quanto à área física como impedimento para a presença do pai

Um aspecto considerado pela equipe de enfermagem como impróprio para a permanência do pai na unidade é o fato deste ficar junto em uma enfermaria coletiva com mães de outras crianças. Houve relatos de fatos ocorridos no passado como causa dessa resistência à permanência do pai nessas condições.

Mas, por problemas que já aconteceram, eu acho que ele não deve ficar na mesma enfermaria que uma mãe. No momento em que o pai precisa ficar, a gente colocaria em uma enfermaria só de pais. Ele não me incomoda. O que me incomoda é o fato dele passar a noite inteira, dormindo, ao lado de uma mãe estranha. A gente vê coisas que acontecem que a gente não concorda, que não é certo (Lua).

O pai não deveria ficar 24 horas, mas deveria participar mais. Um dia, por causa dos probleminhas que já aconteceram... Mas, junto com a mãe, eu acharia importante (Glória).

Quanto ao pai... Depende do pai. Porque, uma vez, veio um pai que queria surrar uma mãe. Tem bêbado que vem, aí, incomodar de madrugada e tem outros que são excelentes. Tinha uma guriuzinha, no "sem mãe" que, quando o pai vinha, cuidava muito bem (Maria).

Ocorre, então, uma generalização, com base em fatos ocorridos no passado com determinados pais. Entretanto, esta postura denota preconceitos alicerçados em uma justificativa "moral" a atitudes de cerceio do direito de todos os demais, como demonstram as manifestações a seguir apresentadas.

Eu acho que, muitas vezes, é falta de respeito. Porque tem casos... Eu sei que é difícil, mas acontece. Que, num quarto cheio de mães... e o pai faltar um pouco com o

respeito. Por isso, eu acho certo o que a gente faz aqui. Ficam, no quarto, só as mães (Simone).

Se tiver mãe é a mãe quem deve ficar, porque a mãe tem mais contato com o filho e, também, por causa do problema de que existem outras mães e a gente não conhece as pessoas. Começam com aqueles olhares e não vai prestar (Júlia).

Uma vez que a mãe pode ficar, não há necessidade do pai ficar. Eu acho, assim, que não é correto o pai ficar na Pediatria, porque é assim, Oh! É um lugar que quem mais fica é a mãe. E tu sabes como é, né? Pai é pai, homem é homem e [...]. Se eu estou com um filho meu, num quarto, tem três mães, ali [...]. Nem todas têm a minha cabeça e chega o pai do meu filho, ali, e vai ter alguma coisa que eu não vou gostar de alguma mãe. Eu me ponho no lugar de muitas (Márcia).

Reforçando mais estas percepções, a forma como a unidade está estruturada, com enfermarias coletivas, foi um dos empecilhos apontados pela equipe de enfermagem para a permanência do pai junto com a criança hospitalizada. A área física, assim, apresenta-se como um "forte" impedimento para a sua presença na unidade.

Eu acho que o pai tem todo o direito de estar aqui dentro, mas não do jeito que a unidade está estruturada. Hoje em dia, eu não gosto do pai aqui, porque o lugar não é estruturado para ter o pai aqui junto com a mãe (Lua).

Eu acho importante a presença do pai, porque tem aquelas crianças que são super apegadas ao pai. Se cada criança estivesse em uma enfermaria, eu acho até que o pai poderia ficar, que ele iria ajudar bastante. Mas, do jeito que é aqui [...]. Assim, eu acho que não dá para os pais ficarem misturados com as mães (Cristina).

Tais manifestações demonstram que, muitas vezes, a equipe de enfermagem reproduz o instituído, não permitindo o rompimento de paradigmas fortemente arraigados e estruturados, até mesmo na forma como as unidades, ainda hoje, estão organizadas. Se reconhecermos que a presença do pai é importante para a criança, e que este pai tem o direito de acompanhá-la no hospital, a nós compete favorecer e propiciar sua concretização. Consideramos que os problemas que surgirem em decorrência da área física precisam ser resolvidos, de forma a propiciar que a criança e sua família usufruam seus direitos legais de continuarem juntas durante a sua internação hospitalar.

Percepções quanto ao sexo como impedimento para a presença do pai

Apesar de ser altamente recomendável e benéfico para a criança hospitalizada ser acompanhada por seu pai, a presença simultânea do pai de uma criança com a mãe de outra na mesma enfermaria seria inviável, comprometendo a privacidade de ambos, ainda que com o intuito de manterem-se acompanhando seus respectivos filhos. Desta forma, verifica-se que as diferenças de sexo apresentam-se como inibidoras para a presença do pai como cuidador na unidade, como reforçam as seguintes manifestações:

A presença do pai... Na forma como nós trabalhamos, aqui, a presença é importante. Mas, aqui, como só tem mãe [...]. No caso, aí, teria que ter só o pai. Os dois juntos não dão certos porque tem coisas que não combinam. Os dois juntos não combinam (Maristela).

Reforçando preconceitos em relação ao pai da criança hospitalizada, constata-se que para alguns membros da equipe, sua presença poderia comprometer o cuidado à criança, pois este não aceita realizar os cuidados com o filho da mesma forma que a mãe. Para isso, ele teria que ser ajudado.

Em alguns casos, ele iria pecar, na parte da extensão da assistência, pois tem algumas coisas que ele não faria (Lua).

Eu acho que o pai [...]. Assim, Oh! Ele cuida sim, tanto quanto a mãe. Porque, hoje, o pai já está participando mais, ainda mais, se ele for ensinado, orientado (Lu).

Um dos fatores apontados para a não participação dos cuidados e da presença do pai na unidade é o fato de que o pai, por ser homem, culturalmente é mais agressivo e contestador, é de mais difícil interação. Assim, a equipe de enfermagem por ser formada, na grande maioria das vezes, apenas por mulheres, coloca-se em posição de fragilidade frente ao homem, portanto, percebendo-se fragilizada frente ao pai.

Em relação ao pai, eu acho [...]. Não sei. Acho que atrapalha, porque a mãe se preocupa mais e fica, ali, na volta do filho e aceita mais o tratamento do que o pai. O pai, assim, já se põe mais contra a gente, assim... Em alerta, sempre criticando e cobrando muito da enfermagem e fica difícil trabalhar (Rosana).

Em estudo realizado para investigar como os pais participam e vivenciam subjetivamente a relação com filhos e filhas, foi possível verificar o desejo de participarem nos seus cuidados⁽¹³⁾. Constatou-se, ainda hoje, que vigora o entendimento de que a mulher é a única com competência para a maternagem, como resultado e consequência de uma educação sexista. No entanto, um novo modelo de relação, não hierárquico, excludente e de poder, talvez possa ser possível, se os cuidados infantis forem sendo compartilhados por pai e mãe desde o início do relacionamento do casal e à medida do nascimento dos filhos⁽¹⁴⁾.

Entretanto, apesar desse entendimento e de que são necessárias mudanças, estas se mantêm ainda muito difíceis de se efetivarem no cotidiano, porque determinadas práticas estão muito arraigadas à cultura de cada povo. Portanto, transpor questões culturais é muito difícil, mas é uma necessidade a ser atendida, se quisermos conquistar avanços.

Percepções quanto à necessidade da educação do pai para o cuidado à criança

Alguns membros da equipe de enfermagem acreditam que muitos pais já conseguem manter uma perspectiva mais ampla sobre ter um filho hospitalizado e de como podem participar, auxiliando as mães nos cuidados com as crianças, podendo vir a ter o mesmo tipo de desempenho.

Acho que o pai cuida tanto como a mãe [...]. Igual, se ele se sentisse responsável (Maristela).

Consideramos que os pais, ainda hoje, não participam tão ativamente do cuidado de seus filhos porque ainda não são educados para isso. No entanto, como o perfil da mulher vem mudando, o perfil do homem também precisa acompanhar esta mudança e, hoje, a sociedade necessita de um homem mais participativo e dinâmico. Entretanto, mesmo nos dias atuais, a divisão de papéis na família e na sociedade ainda vem ocorrendo em função do gênero, em que dizemos que tal tarefa é de mulher e tal tarefa é de homem. Apesar destas situações, houve assertivas de que alguns pais cuidam melhor da criança do que a mãe, como se pode constatar pelas seguintes manifestações:

Poderia sim ter pais, pois eles fariam até melhor do que muita mãe (Lua).

Acho que muitos pais sim, cuidam melhor do que muitas mães (Jô).

Cada vez mais vem sendo percebido que o “novo pai” mostra-se ansioso em desempenhar o papel de um bom pai e um bom marido⁽¹⁵⁾. Essa assertiva reforça o entendimento de que o pai faz parte do universo da criança e, assim, precisa e tem condições para participar ativamente de todas as etapas do seu desenvolvimento e estar constantemente presente, inclusive, naquelas que decorrem de uma internação hospitalar. A manifestação apresentada a seguir demonstra que, a partir deste entendimento, compreende-se que as mudanças, no sentido de facilitar esta interação, poderão ocorrer, à medida que lhe sejam dadas oportunidades de aprender e de participar.

Eu vejo a presença do pai como algo necessário. Eu acho necessária. Eu acho importante. Eu acho que esta realidade precisa ser alterada, imediatamente. Não tenho nenhuma objeção à permanência do pai, inclusive à noite. Acho que o pai cuida igual e, se não igual, talvez, até por ele ainda ser muito barrado no hospital, na família, na sociedade. À medida que ele vai tendo oportunidade, ele também vai se interessando mais. O perfil dele foi mudando, com certeza (Elizabete).

Com o auxílio da equipe de enfermagem, os pais poderiam vir a desempenhar tão bem como as mães o papel de cuidadores. Porém, mostra-se necessário estabelecer com eles vínculos que possibilitem acolhê-los nas suas diferenças e reduzir as distâncias. Consideramos que, como profissionais, não podemos colocar nossos “preconceitos” à frente de nossa atuação, pois esta é uma limitação que ainda precisa ser vencida. O cuidado é essencial para desenvolver e estabelecer a enfermagem como uma profissão universal. O pai faz parte deste universo e precisa ser cuidado e ensinado a cuidar.

CONCLUSÕES

A equipe de enfermagem percebe como importante a presença do pai junto à criança no hospital, mas reconhece a área física e o sexo como impedimentos para a concretização desta presença. Indica a necessidade da educação do pai para o cuidado à criança como forma de melhorar sua aceitação pela equipe de enfermagem.

Com a realização deste estudo, foi possível constatar que muitos preconceitos ainda existem,

comprometendo as percepções e posturas acerca da presença do pai como cuidador do seu filho hospitalizado em uma Unidade de Pediatria. Se reconhecermos que a sua presença é importante para a criança e que tem o direito de acompanhá-la no hospital, à equipe de enfermagem compete favorecer que possa por ele ser assumido esse papel, exercendo, desta forma, uma paternidade responsável.

Para tanto, são necessárias mudanças de percepções e de posturas, de forma a contemplar a presença do pai como cuidador de seu filho no hospital. Os profissionais não devem permitir que seus preconceitos comprometam a sua atuação. Esta é uma limitação que ainda precisa ser vencida.

A partir deste estudo, verificamos que o conhecimento acerca da participação do homem como cuidador no hospital ainda é escasso. Torna-se necessário o estudo do papel do pai no cuidado da criança em situação tanto de saúde como de doença. A enfermagem é uma profissão universal, o pai faz parte deste universo e, nessa perspectiva, precisa ser aceito e auxiliado a aprender a cuidar para exercer este papel. Pretendemos com este estudo ter contribuído à reflexão para que a equipe de enfermagem possa pensar em formas de ajudar os pais a vivenciarem e praticarem a paternidade participante na Pediatria, de forma mais satisfatória e efetiva.

REFERÊNCIAS

- 1 Nitschke RG. Nascer em família: uma proposta de assistência de enfermagem para a internação familiar saudável [dissertação]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 1991.
- 2 Bohes AE. Prática do cuidado ao recém-nascido e sua família, baseado na Teoria Transcultural de Leininger e na Teoria do Desenvolvimento da Família [dissertação]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 1990.
- 3 Crepaldi MA. Hospitalização na infância: representações sociais da família sobre a doença e a hospitalização de seus filhos. Taubaté: Cabral Universitária; 1999.
- 4 Lupton D, Barclay L. Constructing fatherhood: discourses and experiences. *Journal of Marriage and Family* 1999;16(1):156-71.
- 5 Ministério da Saúde (BR). Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei Federal 8069/1990. Brasília (DF); 1991.

- 6 Gomes GC. A família como cliente na Unidade de Pediatria [dissertação]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 2000.
- 7 Salvador M. Uma proposta de assistência participativa e educativa com mães de crianças internadas na Unidade Pediátrica num enfoque cultural [dissertação]. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande; 2000.
- 8 Minayo MC, organizadora. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2002.
- 9 Ministério da Saúde (BR), Conselho Nacional de Saúde, Comitê Nacional de Ética em Pesquisa em Seres Humanos. Resolução 196, de 10 de outubro de 1996: diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília (DF), 1997.
- 10 Ferro FO, Amorim VCO. As emoções emergentes na hospitalização infantil. Revista Eletrônica de Psicologia 2007;1(1):124-36.
- 11 Darbshire P. Living with a sick child in hospital: the experiences of parents and nurses. London: Chapman & Hall; 1994.
- 12 Bohes AE. Os momentos de aproximação e distanciamento entre os sistemas de cuidado familiar e hospitalar [tese]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 2001.
- 13 Ramires VR. O exercício da paternidade hoje. Rio de Janeiro: Record/ Rosa dos Tempos; 1997.
- 14 Hennigen I, Guareschi NMF. A paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos Estudos Culturais. Psicologia Social 2002;14(1):44-68.
- 15 Collet N, Rocha SMM. Participação e autonomia da mãe no cuidado ao filho hospitalizado. Revista Brasileira de Enfermagem 2003;56(3):260-4.

**Endereço da autora / Dirección del autor /
Author's address:**

Giovana Calcagno Gomes
Av. Major Carlos Pinto, 406, Cidade Nova
96211-020, Rio Grande, RS
E-mail: acgomes@mikrus.com.br

Recebido em: 07/12/2007
Aprovado em: 14/05/2008